



Artigos/Articles

“Não me sentia feliz porque eu não podia ser quem eu era”: o conflito identitário de uma fiel de uma igreja evangélica inclusiva

“I didn't feel happy because I couldn't be who I was”: the identity conflict of an inclusive evangelical church member

Carolina Rabelo de Sousa¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar em uma narrativa oral o conflito identitário de uma ex-fiel de uma igreja evangélica tradicional, recém-chegada à uma igreja evangélica inclusiva. A presente pesquisa é norteada pela abordagem da construção da identidade (WOODWARD; HALL, 2003, HALL, 2014, MENDONZA-DENTON, 2002, DE FINA, 2003), partindo da ideia de que as identidades individuais e coletivas estão sendo constantemente negociadas e renegociadas através de interações sociais, ambas expressas e constituídas por meio do diálogo. Nesse sentido, a identidade não é fixa ou unitária, pois diferentes tipos de identidade podem ser experimentados, em contextos diferentes. Como ferramenta metodológica e aporte de geração de dados realizo uma entrevista semiestruturada e para análise utilizo as contribuições da narrativa laboviana (LABOV, 1972) e das histórias de vida (LINDE, 1993), uma vez que ao narrar sua história o indivíduo constrói e reconstrói sua identidade.

Palavras-chave: Identidade. Igreja Tradicional. Igreja Inclusiva. Narrativas. Histórias de Vida.

¹ Doutoranda pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. <https://orcid.org/0000-0001-5407-6551>. Email: carolinarabelo@letras.ufrj.br

ABSTRACT

This article aims to analyze in an oral narrative the identity conflict of an ex-believer of a traditional evangelical church, newcomer to an inclusive evangelical church. This research is guided by the approach of identity construction (WOODWARD; HALL, 2003, HALL, 2014, MENDONZA-DENTON, 2002, DE FINA, 2003), based on the idea that individual and collective identities are constantly being negotiated and renegotiated through social interactions, both expressed and constituted through dialogue. In this sense, identity is not fixed or unitary, as different types of identity can be experienced in different contexts. As a methodological tool and data generation input, I carry out a semi-structured interview and for analysis I use the contributions of the Labovian narrative (LABOV, 1972) and life stories (LINDE, 1993), since when narrating their story, the individual builds and reconstructs his/her identity.

Keywords: Identity. Traditional Church. Inclusive Church. Narratives. Life stories.

1. Introdução

O presente estudo procura analisar a construção identitária de uma fiel visitante de uma igreja inclusiva perpassando por todos os conflitos internos que a fizeram chegar à essa comunidade. Fabiana (nome fictício) participava de uma igreja pentecostal tradicional e por conta de sua orientação sexual teve que se afastar. Depois de ficar afastada da religião, conheceu a Igreja Cristã Contemporânea através de sua namorada.

É notório que a comunidade LGBTQIA+ sofre preconceitos em vários aspectos e principalmente no mundo religioso. As igrejas inclusivas, como esclarecerei adiante, foram criadas para acolher a todos, como o próprio lema da igreja Contemporânea diz: “Sorria! Jesus te aceita”. Tive também como objetivo contribuir com a divulgação da igreja estudada, ao desfazer estigmas e preconceitos da comunidade LGBTQIA+ no campo religioso.

Como aparato metodológico para geração de dados, utilizei a entrevista semiestruturada. Quanto as transcrições dos dados, segui as normas de transcrição usadas por Linde (1993), que, por sua vez, é uma versão simplificada do sistema utilizado por Sacks/Schegloff/Jefferson (1974), por considerar a sua forma mais simples e clara. Não me ative às pausas cronometradas e não utilizei

símbolos fonéticos. A entrevista foi dividida em três microcenas, foram numeradas as linhas, apresentando, assim, a troca de turno e os nomes dos participantes; dessa forma, o leitor encontrará mais facilmente o trecho abordado.

2. Igrejas inclusivas

Na segunda metade do século XX, algumas igrejas protestantes dos Estados Unidos e da Europa abriram espaço para a comunidade LGBTQIA+ quando permitiram a ordenação de pessoas homoafetivas. A primeira igreja protestante ou histórica² a ordenar um pastor assumidamente LGBTQIA+ foi a United Church of Christ, em 1972. A partir de então, outras igrejas pelo mundo seguiram o exemplo e ordenaram pastores e pastoras LGBTs (SPYER, 2020).

As igrejas inclusivas surgiram no Brasil entre os anos de 1990 e 2000, pelas alcunhas de “igrejas inclusivas” ou “igrejas gays”. Tal segmento religioso se destaca dentre as outras igrejas cristãs, pelo fato de LGBTs poderem tornar-se pastores, diáconos, reverendos, obreiros, ou seja, poderem ocupar quaisquer cargos eclesiais.

A primeira igreja inclusiva brasileira foi inspirada na igreja norte-americana (Metropolitan Community Church), criada pelo Reverendo Troy Perry, em Los Angeles, em 1968. Troy Perry, teria sido expulso de sua igreja em razão de sua orientação sexual. A primeira igreja inclusiva fundada no Brasil se chama Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) e foi implantada na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 2002 e 2004. Algumas igrejas ICM transformaram-se em Igreja Cristã Contemporânea (ICC) (NATIVIDADE, 2010).

Em 2004, a Igreja da Comunidade Metropolitana foi inaugurada em um hotel da Zona Sul do Rio de Janeiro. No evento, foi anunciada a missão da igreja: “congregar homossexuais oprimidos pelas igrejas cristãs em um ambiente religioso no qual pudessem se assumir, sem medo e sem culpa” (NATIVIDADE, 2010, p. 04). A ICM pretendia mostrar às pessoas uma forma diferente de adorar

² Igrejas históricas são instituições surgidas no século 16 a partir da Reforma Protestante, como exemplo temos as igrejas Luterana, Presbiteriana, Metodista, Episcopal, entre outras (SPYER, 2020)

a Deus, apesar de a igreja ser constituída por LGBTs, ela não era exclusiva para esses, aceitando, também, todos os que sentiam vontade de participar.

As igrejas inclusivas, de modo geral, colocam em discussão o dogma religioso que condena a homossexualidade, mostrando leituras bíblicas alternativas, que visam apagar os estigmas sobre a diversidade sexual. Segundo Natividade (2010, p. 04): “a ICM defendia: (i) que a orientação sexual devia ser celebrada como ‘uma benção de Deus’; (ii) que haveria base bíblica para a aceitação da homossexualidade no cristianismo”.

Apesar de a primeira igreja inclusiva ter sido criada em 2004, na década de 1990, o pastor Nehemias Marien aceitava homoafetivos em sua Igreja Presbiteriana Bethesda, em Copacabana. O pastor Nehemias era favorável à inclusão dos LGBTs em cultos cristãos e realizou algumas cerimônias de bênção a casais homoafetivos, celebrou o Culto do Orgulho Gay, em 1995. Nehemias atraiu a atenção de fiéis LGBTs e a sua igreja ficou conhecida como “igreja gay”, porém ele acabou sendo expulso da congregação e a igreja fechou anos depois (NATIVIDADE, 2010). Atualmente, há várias igrejas de vertente inclusiva espalhadas pelo país, tais como: Igreja da Comunidade Metropolitana; Cidade Refúgio; Congregação Cristã Nova Esperança; Comunidade Athos; e a igreja que foi objeto desse estudo: Igreja Cristã Contemporânea.

3. Construção da identidade

Hall (2014) argumenta que devido aos avanços tecnológicos, econômicos e políticos, o conceito de identidade tem sido revitalizado, isto é, analisado através de uma nova ótica. O que antes era visto como um processo único, fixo e estável, agora é entendido como uma entidade múltipla, flexível, negociável e passível de mudanças. Para o autor, a identidade é um processo contínuo, nunca finalizado e que em cada nova interação a identidade é ressignificada. O indivíduo não é um ser unificado, mas um ser de múltiplas identidades. Segundo Woodward e Hall (2003, p.14): “As identidades não são unificadas. Pode haver contradições no seu interior que têm que ser negociadas”.

Woodward e Hall (2003) ressaltam que a construção da identidade pode ser tanto simbólica quanto social, pois existe uma relação entre a identidade das

pessoas e as práticas que elas exercem dentro de uma comunidade, sendo essas práticas roupas que elas usam, formas de falar, ou seja, a construção da identidade é dependente de diversos fatores, ninguém constrói sua identidade sozinho, mas dentro de uma rede de relações.

Um mesmo indivíduo é transpassado por uma série de identidades dinâmicas interligadas, essas identidades são construídas por uma gama de construtos que são: estratos sociais, interações e práticas. Como exemplo temos: uma mulher brasileira, negra, nordestina, professora e evangélica. Todas essas identidades são constituídas através das diferentes relações sociais (econômica, social, profissional, religiosa etc.), das interações sociais em que este sujeito está incluído e das práticas que estão sendo exercitadas nesse processo.

Woodward (2014) expõe que as identidades são produzidas, por meio de sistemas classificatórios: estes “dão ordem à vida social, sendo afirmado nas falas e nos rituais” (WOODWARD, 2014, p.41). Nesse sentido, Woodward (2014) afirma que as identidades são criadas por meio da marcação da diferença que “ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (WOODWARD, 2014, p. 41). Em adição, Woodward (2014) descreve que tais sistemas classificatórios variam de acordo com cada cultura, que é o meio pelo qual o mundo é classificado e os sistemas de significação são partilhados numa dada comunidade:

[...] a cultura, no sentido dos valores públicos, padronizados, de uma comunidade, serve de intermediação para a experiência dos indivíduos. Ela fornece, antecipadamente algumas categorias básicas, um padrão positivo, pelo qual as ideias e os valores são higienicamente ordenados. E, sobretudo, ela tem autoridade, uma vez que cada um é induzido a concordar por causa da concordância dos outros. (DOUGLAS, 1966, p. 38-39 *apud* WOODWARD, 2014, p. 42).

Ampliando a visão da construção da identidade, esta também é construída através de narrativas. As identidades de um indivíduo são construídas no dia a dia através das suas práticas, engajamentos e interações. O diálogo e histórias narradas também fazem parte dessas práticas. Ao narrar uma história, o indivíduo cria e recria sua identidade em relação ao outro. Segundo Gomes

(2014, p. 86): “Quando narramos uma história, estamos anunciando como nos tornamos o que somos, e informamos ao outro o que deve ser conhecido sobre nós. Criamos e mantemos nossas identidades pessoais por meio de nossas narrativas de história de vida ou de nossa experiência pessoal”.

De Fina (2003) argumenta que contar histórias é um tipo de prática discursiva que envolve a reflexão, negociação e constituição de identidades em três níveis: (a) através de estilos derivados de recursos narrativos comuns; (b) através da projeção, representação e reelaboração de papéis e relações sociais; e (c) através da negociação de participação em comunidades, reconhecidos por afinidades de crenças, valores comuns e comportamentos específicos.

O primeiro aspecto da identidade narrativa para De Fina (2003) está relacionado às formas específicas de recursos narrativos linguísticos, retóricos e interacionais compartilhados. A identidade pode estar associada à adesão dos narradores às formas culturais de contar através da articulação de recursos linguísticos. Os narradores baseiam-se e criam recursos narrativos compartilhados, como esquemas de histórias, dispositivos retóricos e de desempenho, estilos que os identificam como membros de comunidades específicas. Por exemplo, grupos definidos em termos de nacionalidade, gênero ou etnia compartilham recursos narrativos específicos que os diferem de outros grupos.

No segundo nível da concepção de identidade, De Fina (2003) identifica a construção da identidade através da negociação de papéis pessoais e sociais (locais ou globais) que ocorre através das narrativas. Os narradores utilizam as histórias como etapas para a promulgação, reflexão ou negação das relações sociais e contribuem concretamente para praticá-las ou modificá-las. Para De Fina (2003, p.16) “as identidades são ‘alcançadas’, não dadas, e, portanto, sua construção discursiva deve ser vista como um processo no qual narradores e ouvintes estão constantemente engajados.”³ As identidades referem-se à representação e negociação de papéis sociais através das formas como os narradores projetam a si mesmos em relação aos outros participantes nas narrativas.

³ Identities are “achieved” not given, and therefore their discursive construction should be seen as a process in which narrators and listeners are constantly engaged.

No terceiro nível, a autora, argumenta que as narrativas podem se tornar lócus para a construção e reflexão de identidades através da negociação de participação em comunidades. Tal processo de pertencimento é realizado através de categorização e é frequentemente definido pela adesão a valores, crenças e comportamentos de si e dos outros, que ajudam o narrador a se identificar como membro de um grupo e se distinguir de outros grupos. Conforme lembra Bastos (2005, p.81): “ao contar estórias, situamos os outros e a nós mesmos numa rede de relações sociais, crenças, valores, ou seja, ao contar estórias, estamos construindo identidades”.

As narrativas constituem uma grande oportunidade para os narradores classificarem e avaliarem personagens e suas ações, atribuindo-lhes características morais e valores implícitos ou explícitos. Os narradores são capazes de apresentar posições morais que confirmam ou refutam comportamentos considerados adequados e/ ou inadequados e, portanto, avaliam a si mesmos e aos outros personagens, como membros de grupos que aceitam ou rejeitam valores morais e normas sociais.

4. Estudos da narrativa laboviana

Os estudos da narrativa têm como pioneiro o linguísta William Labov. A partir de suas pesquisas sobre a narrativa, este estudioso identificou o que denominou de estrutura da narrativa. Labov (1972) advogava a análise das narrativas de cunho pessoal através de uma visão estrutural. Nesse sentido, Labov (1972, p. 359) compreende a narrativa como “um método de recapitular experiências passadas relacionando uma sequência de sentenças com a sequência de eventos que realmente ocorreram”. Para ele, uma narrativa bem estruturada deve ser organizada em seis partes:

1. Resumo
2. Orientação
3. Ação complicadora
4. Avaliação
5. Resultado ou resolução
6. Coda

Cada um desses elementos contribui para organização interna da narrativa, tendo cada um deles uma função específica na criação de uma história. Labov (1972) entende que o *resumo* funciona como o sumário da história, situando o leitor sobre a narrativa que está por vir. É a sinopse do assunto que será abordado, é o que torna a história reportável, pois revela o porquê de a história estar sendo contada, embora seja opcional, essa introdução é importante para a audiência do ouvinte. A *orientação* complementa o resumo, ao oferecer detalhes específicos da história, como: o tempo, o lugar, as pessoas, e suas respectivas atividades ou sua situação em que estão inseridas. A *orientação* é uma contextualização das sequências que serão narradas, sua principal função é ajudar o ouvinte a entender a história. Embora a *orientação* não seja um elemento obrigatório da narrativa, geralmente se apresenta no início das narrativas, mas pode ocorrer em outros momentos, intercalada a outros componentes da história.

Quanto à *ação complicadora*, Labov (1972) explica que, esse elemento é o que torna a narrativa contável, isto é, sem esse mecanismo a narrativa não se torna possível, já que a narrativa se torna o que é não pela menção a eventos gerais, mas a eventos particulares; extraordinários. Na *ação complicadora* ocorrem as sequências do evento, geralmente com uma crise ou ponto de virada. Para Labov (1972), este é o único elemento obrigatório em uma narrativa, sem ela não há narrativa.

Outro aspecto importante em relação à narrativa é a *avaliação*, Labov (1972, p. 366) compreende que tal elemento é usado “pelo narrador para indicar o ponto da narrativa, sua razão de ser: porque foi contada e o que narrador está entendendo disso”. A *avaliação* apresenta a carga emocional e dramática da narrativa, percebe-se a postura do narrador em relação à história. Segundo Labov (1972), existem dois tipos de avaliação: a externa e a encaixada. No primeiro tipo de avaliação, a narrativa é suspensa e o narrador atribui suas impressões ao evento que está narrando. Enquanto, na segunda avaliação, conforme indica Bastos (2005), o narrador preserva a carga dramática/emocional da avaliação, ao expressar os efeitos da narrativa através de recursos linguísticos como intensificadores, repetições, exclamações, advérbios.

A *resolução* é entendida por Labov (1972) como a revelação do encerramento do enredo, através da pergunta: O que finalmente aconteceu? Bastos (2005, p. 76) explica que, esse atributo da narrativa funciona como “a finalização da série de eventos da ação complicadora”. Labov (1972), estabelece que uma narrativa só será considerada como tal, caso venha a ser composta por, pelo menos, uma sequência de duas orações organizadas temporalmente. Nas palavras de Labov (1972), essa sequência mínima de orações é chamada de narrativa mínima. Por fim, a *coda*, que também é um elemento opcional, é o encerramento da narrativa e é a responsável pela retomada do tempo presente da interação.

Embora o trabalho de Labov seja o pioneiro sobre o estudo da narrativa, há várias críticas sobre o modelo canônico, pois, segundo outros teóricos, Labov centrou sua análise em narrativas de experiência pessoal, se limitando aos componentes básicos da estrutura das narrativas. Ele propôs um modelo de estrutura narrativa que incluía um número fixo (embora não obrigatório) de componentes, deixando de lado outros gêneros prototípicos da narrativa. Ainda que o autor tenha se delimitado em estudar a organização interna da narrativa, sua contribuição é de suma importância para o início do estudo da área, pois depois de seu trabalho, outros teóricos ampliaram a pesquisa neste campo.

5. Histórias de vida

Linde (1993) analisa as narrativas a partir da concepção da construção e manutenção de identidades, a linguista aborda as narrativas chamadas histórias ou relatos de vida. Para Linde (1993), as narrativas de experiências pessoais fazem parte do repertório das histórias de vida de uma pessoa, tais histórias permitem a criação e recriação de identidades, dando assim, a possibilidade de os indivíduos compreenderem quem são. Segundo Linde (1993, p.3), “as histórias expressam nosso senso de ser”.

A autora também afirma que histórias de vida fazem parte das construções sociais existentes na sociedade, uma vez que os membros desta compartilham de normas e crenças que são comuns a todos. Assim, as histórias de vida se constituem como uma prática social, já que moldam os modos como os

indivíduos se constroem e o modo como estes constroem a sua comunidade. Ademais, Linde (1993) adiciona que, de modo geral, as histórias de vida também funcionam como uma unidade descontínua, assim, as histórias acabam sendo contraditórias e fragmentadas.

De acordo com a autora, as histórias de vida apresentam, pelo menos, duas características importantes: um ponto sobre o falante e a reportabilidade estendida. A primeira característica se constitui quando a narrativa revela algum traço da identidade do narrador. Já a reportabilidade estendida é indicada quando uma narrativa pode ser contada por mais tempo do que outras, pois, geralmente, se refere a algum evento marcante da vida de uma pessoa como: casamento, nascimento de um filho, doença grave, separação, dentre outros.

Segundo a estudiosa, as identidades das pessoas são negociadas no momento que suas histórias são narradas, uma vez que, ao contar sua história, o narrador mostra quem ele é e informa aos ouvintes o que devem saber dele no momento da interação. A identidade é negociada em diferentes momentos, em diferentes ocasiões e para diferentes pessoas, os indivíduos dão diferentes versões dos mesmos fatos e das razões pelas quais eles aconteceram, ou seja, em cada situação de narração é possível o narrador contar o mesmo evento de diversas formas, dependendo do contexto no momento da exposição, do ouvinte e da intenção do narrador.

Linde (1993) também destaca o fato de que as histórias de vida trabalham em função da demanda social, por se tratar de um trabalho coletivo entre os membros de uma sociedade que estabelecem critérios do que é coerente ou não. A estudiosa ainda acrescenta que as histórias de vida para serem consideradas coerentes não devem depender da veracidade ou não dos fatos, caso contrário: “seria difícil ou impossível avaliar a factualidade das histórias contadas, e a avaliação acrescentaria pouco ou nada à nossa compreensão da criação de coerência” (LINDE, 1993, p.16).

Linde (1993) ressalta que apesar das histórias de vida serem complexas, isso não exige a necessidade da existência de uma sequência, isto é, de uma cronologia. Por isso, a linguista traz o conceito de coerência para as histórias de vida, o que significa que as histórias necessitam de elementos que os legitimem.

Logo, uma história de vida só pode se tornar coerente, se atender a certos critérios como: a cooperação entre falante e ouvinte e ordem lógica da narrativa.

O primeiro critério está relacionado na interação dos participantes, pois contar histórias orais é um processo em grupo. Os ouvintes, geralmente, não são consumidores passivos, em vez disso, eles podem concordar, discordar ou modificar não apenas o relato do falante sobre o que aconteceu, mas também o seu significado.

A ordem lógica da narrativa é a base para dois princípios de coerência dos relatos de vida: *casualidade* e *continuidade*. As histórias de vida necessitam de uma cadeia de casualidade, assim como uma noção de sequencialidade. Nesse sentido, o gerenciamento de casualidade estabelece a noção de sequencialidade, isto é, a relação de causa-efeito. Caso a história apresente qualquer descontinuidade, o ouvinte fará interferências e precisará de avaliações e explicações.

Em resumo, como Linde (1993) aponta, ao analisar as histórias de vida, nota-se que as mesmas contribuem para o entendimento que o ato de narrar é uma construção social que molda os indivíduos, mas também molda a sociedade, sendo, ao mesmo tempo, um processo individual e coletivo.

6. Descrição do contexto de pesquisa

6.1. Local

Os dados da presente pesquisa foram gerados em fevereiro de 2018, depois do culto dominical da Igreja Cristã Contemporânea de Niterói (ICCN). A pesquisa foi realizada dentro de uma sala, outras pessoas passavam pelo local e a namorada da entrevistada acompanhou a entrevista. Fabiana era uma fiel recente e conheceu a ICCN através da namorada que já participava há um tempo e morava na mesma cidade do centro religioso. Fabiana morava em um bairro distante no Rio de Janeiro, por isso só podia participar dos cultos aos domingos e, algumas vezes, não conseguia ir por conta da distância.

A igreja que Fabiana faz parte chama-se Igreja Cristã Contemporânea, uma instituição evangélica pertencente ao grupo pentecostal. A primeira Igreja Cristã Contemporânea foi fundada no município do Rio de Janeiro, em 10 de setembro

de 2006, por um casal de pastores homoafetivos: Marcos Gladstone e Fábio Inácio, segundo a carta de princípios da instituição, com a missão de levar o amor de Deus a todos, sem preconceito. Com menos de 20 pessoas no terceiro andar de um sobrado no bairro da Lapa no dia da sua fundação, hoje a ICC tem várias filiais e é uma das maiores igrejas inclusivas do país.

A ICC segue a linha de uma igreja evangélica não inclusiva, pregando o que toda igreja prega: crescimento espiritual, a Palavra, o amor de Deus, o conhecimento de Deus e da Bíblia. Geralmente, os cultos têm em média duas horas e meia de duração e são divididos em momentos de louvor e pregação do pastor, assim como em outras igrejas não inclusivas. Os cultos na ICCN são realizados todas às quintas, a partir das 19h30, e aos domingos, às 19h e a entrevista foi realizada depois de um culto dominical, como mencionado anteriormente.

A ICC da cidade de Niterói foi fundada pelo Pr. Rodrigo Almeida em uma sala minúscula no dia 28/04/2011; em 2018 ficava localizada na Rua Visconde de Itaboraí, 211, Niterói, RJ, em um prédio de três andares no centro da cidade e hoje encontra-se na mesma rua, no número 201.

Na Igreja Cristã Contemporânea, existem várias categorias de membros como: visitantes, alunos do IDE (Instituto de Desenvolvimento Espiritual), ministros, diáconos, obreiros e pastores. Os visitantes são pessoas que estão indo pela primeira vez à igreja ou já estão frequentando há um tempo, mas não são considerados ainda membros. Os alunos do IDE ainda não são considerados membros efetivos, mas são frequentadores mais engajados do que os visitantes por participarem das aulas do IDE.

Os ministros são responsáveis pelos ministérios da igreja, são considerados “contemporâneos” e além de terem concluído o IDE, são dizimistas e batizados. Os diáconos são aqueles que estão a serviço na igreja, são auxiliares dos dirigentes. Os obreiros têm a finalidade de servir a igreja e auxiliar o pastor. O obreiro também deve orar pelos enfermos. O pastor é o líder espiritual do templo, é a pessoa que cuida de um rebanho de ovelhas e tem a responsabilidade de conduzir os fiéis.

6.2. Participante

Neste trabalho, analisei a narrativa de uma visitante da Igreja Cristã Contemporânea de Niterói. Fabiana tinha 19 anos e frequentava há menos de dois meses, conheceu a instituição religiosa através de sua namorada. Por estar frequentando a igreja há pouco tempo, ela não era considerada um membro da ICC, pois para ser reconhecida como contemporâneo precisa ter concluído o IDE, como já havia dito. A entrevistada, antes de frequentar a ICC, participava de outra igreja evangélica pentecostal, mas tradicional.

Fabiana cresceu em uma família de pessoas ligadas à Igreja da Assembleia de Deus. Ela participava ativamente da igreja e tocava na banda. Vestia-se como os membros, frequentava a escola dominical, era batizada, dizimista, mas não concordava com algumas doutrinas da religião, principalmente no que se refere ao tema da sexualidade.

6.2.1. Microcena 1- “Não me sentia feliz porque eu não podia ser quem eu era”

Microcena 1- Não me sentia feliz porque eu não podia ser quem eu era

| | | |
|-----------------|--|---|
| Carol | 01 | Como você conheceu esta igreja? |
| Fabiana: | 02 03 04 05 06 07 08 09 | Eu vim por causa da minha namorada, ela! (aponta para a namorada). Antes, eu era de outra igreja, bem tradicional. Eu participava da igreja, tocava na banda e tudo(.) mas não me sentia feliz porque eu não podia ser quem eu era(.) Ééé quando eu me assumi, minha sexualidade, aliás éééé o-orientação sexual(.) minha mãe não aceitou, o pastor não aceitou e eu tive que sair da igreja. |
| Carol | 10 | Então você procurou outra igreja? |
| Fabiana | 11 12 13 14 15 16 | É, é na verdade não! Eu estava muito triste por ter saído da minha igreja e não sabia o que fazer, não queria ficar longe de Deus(.) mas aí eu conheci ela (namorada) e ela participava da Contemporânea. Achei mu-muito legal, uma igreja que aceita a gente como a gente é. |

Comecei a entrevista com a seguinte pergunta: Como você conheceu esta igreja? Nota-se que Fabiana ao construir sua resposta, utiliza-se de alguns componentes estruturais da narrativa laboviana. Fabiana inicia sua história com um resumo (LABOV, 1972): “*Eu vim por causa da minha namorada, ela! Antes*

eu era de outra igreja, bem tradicional (...)” (l. 02, 03 e 04). Em seguida, ela contextualiza sua narrativa com uma orientação, expondo sua participação na outra igreja: *“Eu participava da igreja, tocava na banda e tudo”* (l. 04 e 05). No momento seguinte, a entrevistada apresenta a ação complicadora, nas linhas 06 a 09, ela não se sentia feliz por não poder ser quem ela era dentro da igreja tradicional e, por esse motivo, teve que se afastar. A história de vida (LINDE, 1993) da Fabiana mostra o conflito vivenciado ao assumir sua orientação sexual; por não ser aceita pela sua mãe e nem pelo pastor, Fabiana decide sair da antiga igreja, remetendo ao sistema de coerência de Linde (1993). Por se tratar de um assunto delicado, tive que interferir para que a entrevistada continuasse sua história (l.10). Fabiana continua sua narrativa e explica como chegou à Igreja Contemporânea e como ficou feliz por conhecer uma igreja que aceita as pessoas independente da sua orientação sexual *“Achei mu-muito legal, uma igreja que aceita a gente como a gente é”*, conforme indicado nas linhas 11 a 16.

Como as identidades não são únicas e precisam ser negociadas (WOODWARD, HALL, 2003) percebe-se na microcena 1 dois conflitos identitários da entrevistada. Antes de assumir sua orientação sexual, Fabiana já lidava com conflitos internos por conta das doutrinas de sua antiga religião. Por ter sido criada em uma família evangélica tradicional e participar ativamente da igreja, ao assumir sua orientação sexual não foi aceita por sua família e nem por seu líder religioso. O segundo conflito foi a sua saída da igreja, a entrevistada relata que ao sair da sua antiga igreja, ela ficara triste por ter se afastado de Deus, expressando afeição aos valores religiosos. No entanto, estava feliz por ter conhecido uma igreja evangélica inclusiva.

6.2.2. Microcena 2 – “Comecei a sofrer por estar em uma igreja que não me aceitava”.

Microcena 2 - Comecei a sofrer por estar em uma igreja que não me aceitava

| Carol | 20 21 | Você falou que frequentava outra igreja, pode falar um pouco mais sobre ela? |
|----------------|----------------------------|---|
| Fabiana | 22 23 24 25 26 | Eu fazia parte de uma igreja Assembleia, bem tradicional. Usava saia, cabelo preso, essas paradas aí (.) tocava na banda, participava da es-escola dominical, eu gostava da igreja mas não aceitava algumas |

| | | |
|----------------|----------------------------------|---|
| | 27 28 29 30 31 32 | coisas de lá, achava muito radical principalmente da parte da sexualidade. <Quando me descobri lésbica, comecei a sofrer por estar em uma igreja que não me aceitava. Quando contei para a minha mãe, ela chorou e depois falou para o pastor> (.) O pastor não me aceitou e então decidi sair de lá. |
| Carol | 33 | Sua família é toda evangélica? Da Assembleia? |
| Fabiana | 34 | Sim! Todo mundo! |

Com intuito de descobrir quais eram as práticas identitárias da Fabiana na antiga religião, continuei a entrevista com a seguinte questão: “Você falou que frequentava outra igreja, pode falar um pouco mais sobre ela?”, Fabiana inicia sua resposta informando que participava de uma igreja da Assembleia e utiliza um advérbio de intensidade para marcar o quanto a igreja era tradicional (l.22 e 23). Em seguida, ela descreve as práticas que exercia dentro da comunidade: “*Usava saia, cabelo preso, essas paradas aí (.) tocava na banda, participava da es-escola dominical*” (l. 23 a 25). Sua identidade religiosa era marcada por seu engajamento e hábitos (WOODWARD, HALL, 2003), pois, além de se vestir de acordo com os costumes, ela participava de várias atividades dentro da denominação religiosa. No meio da sua narrativa, Fabiana faz uma avaliação encaixada (LABOV, 1972) sobre a igreja: “[...] *eu gostava da igreja mas não aceitava algumas coisas de lá, achava muito radical principalmente da parte da sexualidade*”, conforme indicado nas linhas 25 a 27. Em seguida, a participante reduz seu tom de voz e retoma a ação complicadora da sua história, o momento que descobriu sua orientação sexual. Fabiana começou a sofrer por pertencer a uma instituição religiosa que não aceitava sua homoafetividade. Sua narrativa fica mais dramática ao relatar quando revelou à sua mãe que era lésbica. Como o pastor e a mãe não a aceitaram, ela decidiu sair da igreja.

6.2.3 Microcena 3- “Aqui a gente é feliz, se sente livre para ser quem a gente é”.

Microcena 3- Aqui a gente é feliz, se sente livre para ser quem a gente é

| | | |
|----------------|----------------------------------|--|
| Carol | 35 | Você é batizada? |
| Fabiana | 36 37 | Sim! Sou batizada na Assembleia, me batizei adolescente. |
| Carol | 38 | E você pretende se batizar aqui? |
| Fabiana | 39 | Não sei ainda... |
| Carol | 40 41 | Quais são os próximos passos aqui dentro da igreja Contemporânea? |
| Fabiana | 42 43 44 45 46 | Aaa quero fazer o IDE, me integrar com a igreja. Eu moro longe, mas venho por causa dela, gosto da igreja também. An- antes eu achava estranho, não sabia que existia uma igreja assim... Mas resolvi conhecer e gostei! |
| Carol | 47 | Achava estranho o que? |
| Fabiana | 48 49 50 51 52 53 | Ééé uma igreja para o público LGBT. Quem vê de fora pensa que não é algo sério, relaciona com bagunça, pensa que é uma festa (risos). Mas quando a gente entra e vê que é sério, que é igual a qualquer igreja, mas, ééé aqui a gente é feliz, se sente livre para ser quem a gente é. |
| Carol | 54 | Que legal! |

Na última microcena tentei averiguar quais seriam os próximos passos dentro da nova igreja. Ao ser questionada se gostaria de se batizar na ICC, Fabiana respondeu que ainda não tinha uma opinião formada, trecho transcrito na linha 39. No entanto, a entrevistada demonstra seu desejo de envolvimento, fazer parte do IDE e ser um membro da ICC: “Aaa quero fazer o IDE, me **integrar com a igreja**” (l. 42).

Logo em seguida, Fabiana faz outra avaliação encaixada (LABOV, 1972), ela revela que antes de participar da ICC achava estranho uma igreja inclusiva, mas que resolveu conhecer e gostou, conforme linha 44 a 46. Ela faz o seguinte comentário: “Ééé uma igreja para o público LGBT. Quem vê de fora pensa que não é algo sério, relaciona com bagunça, pensa que é uma festa (risos). Mas quando a gente entra e vê que é sério, que é igual a qualquer igreja, mas, ééé aqui a gente é feliz, se sente livre para ser quem a gente é.” (l. 48 a 53). A avaliação da Fabiana sobre a igreja inclusiva Traz um comentário sobre a estigmatização da igreja, uma vez que, por ser uma igreja voltada para o público

LGBTQIA+, muitas pessoas não consideram as igrejas inclusivas como instituições religiosas “sérias”. Logo em seguida, a participante faz uma observação sobre a identidade coletiva da comunidade, por ser uma comunidade inclusiva ela não é diferente das outras igrejas, pois prega os mesmos valores cristãos. Contudo, Fabiana respalda que dentro da ICC ela pode ser “feliz”, se sente “livre” por ser aceita como ela é, remetendo à ideia de que na outra igreja ela não se sentia feliz e não podia assumir sua orientação sexual.

4. Últimas considerações

O tema homoafetividade ainda é um tabu na maioria das igrejas cristãs, mas essa perspectiva vem mudando, não só com o surgimento e crescimento das igrejas inclusivas, mas, também, com a presença da comunidade LGBTQIA+ nesses núcleos cristãos. Embora a presença dos LGBTs nos ambientes religiosos ainda não seja aceita explicitamente, eles estão lá, como Spyer revela (2020, p.134):

mesmo no ambiente das igrejas pentecostais e neopentecostais, a questão da homossexualidade tem infiltrado, com a presença mais ou menos tolerada de gays e lésbicas ganhando espaço nas congregações, mesmo que o tema seja tratado como um “segredo aberto” entre eles. Um caso desse convívio crescente aparece, por exemplo, na Igreja Batista da Lagoinha, que tem células ocupadas por evangélicos homossexuais, o que não é reconhecido pela igreja, mas também não é combatido ou rejeitado.

O tema sobre igrejas inclusivas vem despertando o interesse de vários pesquisadores no Brasil, não por ser um tema novo, mas, sim, um assunto emergente na sociedade contemporânea, a visibilidade, inclusão e participação da comunidade LGBTQIA+ em ambientes religiosos.

Muitos fiéis de igrejas inclusivas relatam a intolerância presente em várias igrejas cristãs. A intolerância, às vezes, não fica só nas palavras, mas, materializa-se também em atos, como as sessões de cura gay. Muitos LGBTs relacionam essas sessões com torturas física e psicológica. Depois de todo sofrimento dentro dessas igrejas, muitos fiéis vão em busca de outro ambiente religioso que os acolha, independente de sua orientação sexual ou gênero.

No presente trabalho analisei a narrativa da Fabiana, uma fiel homoafetiva praticante de uma igreja inclusiva. As três microcenas apresentadas demonstram os conflitos identitários dessa participante: primeiramente, por congregar em uma igreja evangélica tradicional e não concordar com todos os dogmas dessa instituição. Em seguida, Fabiana se descobre lésbica e decide sair da igreja por não se sentir acolhida. Ao sair do mundo religioso, a entrevistada relata sua tristeza por estar afastada de Deus e por fim; Fabiana conhece a igreja Contemporânea através de sua namorada, um centro religioso que a aceita independente da sua orientação sexual.

Fabiana perpassa por diversos conflitos internos por querer pertencer a uma instituição religiosa tradicional e por causa de sua homoafetividade prefere se afastar da religião. No entanto, ao conhecer uma igreja inclusiva, a participante se sente feliz e mais livre por estar novamente exercendo a sua religião e reconhece que está sendo acolhida. A construção identitária de um indivíduo está diretamente relacionada à comunidade em que está inserido (LINDE, 1993), mesmo participando há poucos meses da ICC, Fabiana demonstra interesse em se integrar cada vez mais à nova instituição religiosa.

Referências Bibliográficas

- BASTOS, Liliana Cabral. "Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais- uma introdução ao estudo da narrativa". In: *Calidoscópio*. Vol. 3, n.2, p.74-87, 2005.
- DE FINA, A. "Crossing borders: time, space, and disorientation in narrative". *Narrative Inquiry*, v 13, n.2, p. 1-25, 2003.
- GOMES, Gysele da Silva Colombo. *Narrativas de professores e identidades coconstruídas discursivamente em um curso de formação continuada norteado pela prática exploratória*. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro, Lamparina, 2014.
- LABOV, William. *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LINDE, Charlotte. *Life Stories: the creation of coherence*. New York: Oxford University Press, 1993.
- NATIVIDADE, Marcelo. "Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal". In: *SCIELO, Religião e Sociedade*, vol.30, n2: Rio de Janeiro, 2010.



SPYER, Juliano. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz T. da (Org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn, *Identidade e diferença - a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Editora Vozes, 2003